

19-07-2024

CLÍNICAS DE SOMATOCONSERVAÇÃO: UM LUGAR PARA O CORPO MORTO

Danniella Davidson Castro

[Psicanalista, Mestra em Psicologia Social e do Trabalho/UnB,
Multiplicadora de Visat e membro do Grupo Dona Alzira/UFG]

Depois dos lugares para o corpo intoxicado e o corpo envelhecido, como terceiro tempo, trago por fim o corpo morto e seu lugar nas clínicas de preparação de corpos, o estágio final, no qual o sujeito se confronta com a finitude da sua existência. Freud (1930) escreve sobre as fontes de sofrimento na decadência do nosso corpo, em um processo de adoecimento, de deterioração e a nossa atitude para com a morte (1915). Para o autor, não existe a representação da morte no inconsciente do sujeito, ou seja, não conseguimos alcançar a representação da morte em nós. Não é sem receio, temor ou mesmo sem um incômodo que podemos pensar sobre essa última etapa da vida. “No fundo, ninguém acredita em sua própria morte, ou, o que vem a ser o mesmo, no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua *imortalidade*”, em outras palavras, ela não existe para o inconsciente e ele “*se conduz como se fosse imortal*” (1915, p.297). O homem, embora possa ter provado a dor pela perda do ser amado, “*não pode experimentar-se a si mesmo morto*” (idem, p.295). Nesse lugar de incômodo, o monitoramento dos estabelecimentos que preparam e velam os corpos é realizado. O preparo dos corpos tem sido objeto de interesse de vários pesquisadores e serviços de interesse à saúde, que os fiscalizam. Até o ano de 2021, a primeira civilização de que se tinha notícia da preparação dos corpos de seus mortos por meio da mumificação era a civilização egípcia. Entretanto, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021) e a Universidade de Tarapacá no Chile apontam evidências arqueológicas de que uma civilização mais antiga, que data de dois mil anos antes dos egípcios, já preparava artificialmente seus mortos. Trata-se do povo Chinchorro, uma sociedade de pescadores, caçadores e coletores, que habitou a região que compreendia os portos de Llo no Peru e Antofagasta no Chile. No Egito, a mumificação era feita por acreditar na vida após a morte, onde a alma voltava para o corpo. Era uma maneira que os egípcios tinham de preservar seus entes queridos e praticar suas crenças religiosas. Essa preparação profilática, chamada de TANATOPRAXIA, era e é feita até hoje com os mais diferentes tipos de materiais e instrumentos. Da retirada das vísceras (evisceração) e o enchimento com materiais como vegetais, penas, barro e pedaços de couro, a Tanatopraxia e o embalsamamento eram realizados de acordo com cada cultura. Desde os primeiros passos até a ornamentação final com flores e maquiagem, o corpo passa por várias etapas para poder ser velado.

Hoje, há várias clínicas que contam com técnicas e modernos fluidos cavitalis, que entram em seu corpo, prometem estender o tempo de velório e até permitir com que o ente querido possa estar sentado na sala junto com as visitas para ser velado. Essa situação aconteceu recentemente no Estado de Goiás porque, segundo os familiares, ele *gostava muito de receber visitas*. Para fiscalizar, precisamos escutar os trabalhadores, que explicam os processos pelos quais o corpo passa até ser entregue à família para ser velado. Nessa instituição, só entrevistamos os trabalhadores e os proprietários, não vemos o corpo do sujeito que morre, mas somos chamados através de denúncia a fiscalizar as condições precárias com que esse corpo é tratado, de qualquer jeito, sem dignidade. Escuto um trabalhador de uma clínica de somatoconservação dizer que *preparar um corpo é uma arte.* Aqui, compartilho um fragmento pessoal de uma situação na fiscalização de uma clínica. Ao ver na sala de embalsamamento e necromaquiagem um vidro de um líquido comumente comprado nos supermercados, utilizado para lustrar móveis tive uma sensação de estranheza, como se algo estivesse fora do lugar, como se eu já houvesse tido notícia de algo que ali se passa. Lembrei de Freud no texto sobre o *infamiliar* (1919 2019), onde diz que o estranho é tudo o que deveria permanecer oculto, mas veio à luz. Indaguei à proprietária para que servia aquele líquido. Ela me disse que era *para passar na pele do cadáver, para a pele ficar brilhante*. Outra colega achou vísceras de um cadáver na geladeira da clínica, onde fica o lixo infectante. O Corpo intoxicado, o corpo idoso, o corpo morto. De onde se isola, de onde não sai, de onde está sem vida. A construção da imagem do corpo desde os primórdios da vida com seus primeiros trilhamentos, o crescente declínio do corpo, o envelhecimento como proximidade da finitude, da morte do ego. Corpos que muitas vezes são jogados e esquecidos, quiçá abandonados no que poderiam ser chamados de depósitos de gente. Outras vezes são bem cuidados e recebem o afeto que a família não lhes dá. Corpos emudecidos ou barulhentos, que gritam sem parar em seu adoecimento. Corpos que são manipulados, cuidados e preparados até depois da morte. Esses são alguns dos lugares do corpo do sujeito nas instituições. Embora seja a instituição que dá o contorno a esse trabalho pelo lugar que se dá a ver, não se perde de vista o sujeito com o seu corpo em sua singularidade. Mas de que corpo se trata afinal? E de que corpo se trata ao final? ■ ■ ■

Referências:

Freud S. *Projeto para uma psicologia científica* (v. I). In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1895, p.10-71. // Freud S. *O mal-estar na civilização* (v. XXI). In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1930, p.37- 91. // Freud S. *O Estranho* (v. XVII). In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1930, p.233-274. // Freud S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. 1998. // Freud S. *De guerra y muerte*. Temas de actualidad (v.XIV), p.273-304. 1915b. // Iannini G & Tavares PH. (2019) *Freud e o infamiliar*. In: Freud, S. *O Infamiliar / Das Unheimliche*. Belo Horizonte: Autêntica, p.5-22.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.